

A Etnopsiquiatria (*)

G. DEVEREUX (**)

A etnopsiquiatria — necessariamente concebida como etnopsicanálise (infra) — é uma ciência pluridisciplinar e não interdisciplinar. Ela parece ser a mais compreensiva das ciências do Homem, puras ou aplicadas, e isso tanto do ponto de vista diacrónico como do ponto de vista sincrónico. Reconhecido ou não como tal, o seu problema de base é aquele que subentende toda a ciência do Homem: a relação de complementaridade do indivíduo e da sociedade e cultura (6).

Pôde-se pensar, em tempos, que a tarefa da etnopsiquiatria consistia em estabelecer uma relação entre a desordem psíquica e o ambiente sociocultural no qual ela se produz, em fundar a sua disciplina numa simples síntese da teoria da psiquiatria e da etnologia e em elaborar uma metodologia um pouco diferente de um inventário de técnicas de investigação. Era todavia previsível que — mesmo se a etnopsiquiatria era, como antes parecia, um saber interdisciplinar — o progresso da investigação acabaria por revelar lacunas e falhas na teoria de base da

psiquiatria e da etnologia. Quanto à formulação de uma metodologia própria da etnopsiquiatria, desembocou rapidamente numa revisão radical dos fundamentos epistemológicos do conjunto das ciências do Homem(4).

As informações relativas ao indivíduo que procura a etnopsiquiatria pressupõem a noção de condição humana. A única psicologia conveniente à etnopsiquiatria deve, portanto, ser apenas aplicável ao Homem. Só a psicologia psicanalítica de Freud, na sua formulação clássica, parece preencher esta condição. Todo o conhecimento relativo à sociedade (e portanto também à cultura) se apoia em dois princípios:

1) o património genético do *homo sapiens* não é o de uma espécie dita «social» (abelhas, térmitas, etc.), mas de uma espécie gregária — termo utilizado aqui no seu sentido tradicional e não no sentido que toma em etnologia. Uma constatação de base é que enquanto uma abelha adulta isolada morre rapidamente, uma pessoa isolada na idade adulta pode sobreviver durante vários anos. É a partir da sua gregaridade que o homem pôde constituir sociedades que, paradoxalmente, gravitam por vezes rumo ao modelo que representa a termiteira. Inversamente, certos indivíduos parecem gravitar em direcção do modo de vida dos animais

(*) *Ethnopsychiatria*, Vol. 1/1. 1978.

(**) Etnólogo. Psicanalista. Director de Estudos na École des Hautes Études en Sciences Sociales — Paris. Professor de Investigação Etnológica na Faculdade de Medicina da Temple University — Filadélfia.

solitários, como o tigre ou o urso. Mas nem uma nem outra destas tendências podem realizar-se inteiramente. Uma aproximação muito forte do sistema da termiteira destruiria toda a sociedade de tipo humano — não só porque, desse modo, destruiria a pessoa, ou seja o que há de humano no Homem, mas sobretudo porque uma tal termiteira «humana» deixaria de ser uma sociedade dotada de *cultura*. Ela seria portanto e com o *Anlage* que implica o património daqueles que queriam — ou com quem se quereria — constituir tal termiteira. Inversamente, uma forte aproximação do modo de vida dos animais solitários por uma maioria — ou mesmo pelo conjunto — dos membros de uma sociedade aboliria a sociedade e a sua cultura e, portanto, também a condição humana dos seus ex-membros — e isso menos pela desintegração da sociedade do que pela obliteração — irreversível sem uma intervenção vinda do exterior — da sua cultura. Com efeito, enquanto a termiteira é organizada e mantida pelos instintos, a sociedade é organizada e mantida por meio da cultura. Numa palavra, a termiteira sendo estruturada e mantida a partir de imperativos genéticos, a regularidade das suas estruturas e dos seus processos não são enunciáveis pelas térmitas que a compõem, nem no indicativo nem no imperativo. De facto, mesmo que um autor de ficção científica inventasse térmitas «inteligentes», ele poderia, no máximo, atribuir-lhes a capacidade de descrever essas regularidades: de as enunciar no indicativo. A sua enunciação sob a forma de «regras» (leis), isto é, no imperativo, ser-lhes-ia totalmente impossível. Em compensação, o património genético e o *Anlage* do *homo sapiens* permitiu-lhe constituir sociedades cujas regras de funcionamento e estrutura pode enunciar tanto no indicativo como no imperativo.

2) É inadmissível atribuir o equivalente de um psiquismo à sociedade. Este princípio permite todavia o uso de expressões do tipo:

«a sociedade escolhe», caso a forma de utilização de tal expressão não implique a existência de um «raciocínio» ou de uma «vontade» próprias à sociedade enquanto tal. Ela pode implicar que uma escolha seja unânime, seja feita pela maioria dos membros de uma sociedade, seja mesmo a escolha de um indivíduo ou de um grupo de indivíduos capazes de fazer agir o conjunto da população de uma maneira concordante com a sua escolha.

I. *A Patologia*. O termo «etnopsiquiatria» contém três raízes gregas: *ethnos*, *psyche* e *iatreia* (tratamento com vistas à cura). O terceiro destes termos implica as noções de «doença» e «saúde» e pressupõe que o tratamento de uma doença pode substituí-la pela saúde. A ideia de um tratamento implica, por seu turno, que a doença é um mal, e a saúde um bem, e o tratamento da doença um bem incondicional.

Estas suposições conduzem, em linha recta, ao problema focal de uma teoria moral segundo a qual é impossível ligar; de uma maneira logicamente inatacável, «o que é» a «o que deveria ser»; a noção de «valor» e mais ainda a de «hierarquia de valores» são inseparáveis deste problema.

Ora, desde 1941 (1), que formulei um método simples, que exclui qualquer juízo de valor apriorístico e permite identificar, por meios idênticos, a patologia, tanto ao nível do indivíduo quanto ao nível sócio-cultural. Seja um indivíduo — ou um grupo — que prossegue uma finalidade da sua própria escolha, sobre a qual não compete à etnopsiquiatria emitir um juízo de valor. Se a busca desse objectivo produz uma situação de stress que o «sujeito» (indivíduo ou grupo) aprecia como tal, e se todos os seus esforços para atenuar este stress pelo recurso a contra-medidas novas e (ou) reforçadas nada mais faz do que o acentuar, o «sujeito» é levado nas engrenagens de um *círculo vicioso*. A presença de um círculo vicioso deste género caracteriza toda a psicopatologia individual e toda a patologia

social — e, muitas vezes também, as doenças orgânicas.

II. *A Sublimação*. O ponto de partida tradicional dos estudos das desordens individuais e sociais é a noção de «patologia», porque — em primeira aproximação — só uma condição «anormal» parece permitir o estudo de situações e processos discretos — quer dizer, individuais isolados — quase sob microscópio e *in vitro*. Esta abordagem, cuja utilidade, no início de qualquer investigação, é indiscutível, apresenta contudo graves inconvenientes.

1) Nos enunciados respeitantes ao indivíduo (psicológicos), o objectivo «humano» tende a tornar-se sinónimo de «falível» e mesmo ignóbil.

2) Nas investigações relativas à sociedade, um interesse quase obsessivo dado à patologia social torna-se inevitavelmente ideológico — o que torna o estudo verdadeiramente científico dos aspectos não patológicos de toda a sociedade impossível. Um tal impasse é inevitável, quando um negativismo sistemático (5. cap. 3) pretende ser uma crítica social científica. Pouco importa que semelhante «crítica» considere a sociedade como inimigo natural do Homem, ou que veja no indivíduo uma fonte permanente de perigo para a sociedade, pois nem uma nem outra destas «teorias» é capaz de explicar:

1) porque razão os indivíduos, longe de serem constantemente destructivos, manifestam frequentemente uma grande capacidade de criação nas ciências, nas artes e nas relações interpessoais, e

2) porque razão todas as sociedades não arrastam os seus membros para a loucura ou para o suicídio ou porque é que a eclosão da individualidade não destrói automaticamente os fundamentos da sociedade.

Decorre destas considerações que o conceito de base de etnopsiquiatria deve ser não o de patologia mas o de sublimação. Ora o processo de sublimação é próprio do ser humano. Só ele possui a capacidade de ex-

plorar um material psíquico arcaico — ou mesmo neurótico — de maneira criativa. Para além disso, fá-lo sem a menor diminuição — quantitativa ou qualitativa — da capacidade de gozo, própria do carácter genital, maturo. Esta ausência de qualquer perda de gozo deve-se ao facto de Eros, longe de dispender toda a sua energia na sublimação, desempenhar neste processo um papel puramente cibernético.

Convém precisar que a análise do *material* sublimado e do *processo* de sublimação difere da análise dos *produtos* da sublimação. Assim, o estudo de Freud sobre Leonardo da Vinci (10) procura sobretudo discernir as componentes arcaicas e neuróticas deste génio universal e da sua obra. Ele explica portanto o homem mais do que os seus quadros, as suas invenções e descobertas. E, por isso, ele esclarece o próprio homem um pouco menos do que poderia fazer se tivesse tido em conta os aspectos auto-anulantes tanto do homem como das suas obras. No seu estudo de «Moisés» de Miguel Ângelo, em compensação, Freud (11) não parece analisar o material sublimado e o processo de sublimação senão para nos tornar mais acessível a majestade incomparável da estátua. É nesta segunda via que convém que siga a etnopsiquiatria (7, 8).

III. *As Tarefas* mais urgentes podem quase resumir-se numa única frase; tudo deve ser feito e imediatamente. Demasiado tempo foi já consagrado à colecta de factos muitas vezes superficiais ou fragmentários e à sua valoração por meios ocasionais e sobre bases teóricas incertas, vacilantes e por vezes inexistentes.

A tarefa mais difícil — a elaboração completa de uma teoria e de uma metodologia próprias da etnopsiquiatria — foi evitada pelo recurso a diversos subterfúgios dos quais apenas alguns serão citados:

1) o relativismo cultural identifica adaptação e saúde psíquica enquanto que a adaptação é um conceito sociológico e a saúde psíquica («normalidade») um conceito psico-

lógico. Este relativismo é incompatível com o princípio de complementaridade (5, cap. 1).

2) o reducionismo apela quer a um «materialismo histórico» simplista, ou a uma «culturologia», quer a uma atribuição por vezes quase explícita de um psiquismo à sociedade.

3) o irracionalismo regressivo apela aos rituais xamânicos ou outros, e atribui-lhes virtude terapêutica, apesar de tais procedimentos não serem, no melhor dos casos, mais do que paliativos produzindo efeitos duvidosos e de curta duração.

3) O organicismo primário utiliza de maneira mecânica e rotineira as terapias de choque e também as quimioterapias — por vezes ainda num estado experimental — o que reduz alguns psicóticos do terceiro mundo ao estado de cobaias. Uma outra tarefa urgente é a publicação de estudos etnopsiquiátricos de diversas etnias, nos quais o material é analisado em termos psiquiátricos e em termos etnológicos (12, 3, etc.).

Igualmente necessária é a publicação de psicoterapias de tipo etnopsiquiátrico relacionadas palavra a palavra, completadas pelos resultados de baterias de testes projectivos administrados antes e depois da terapia — e tudo comentado detalhadamente.

A nível da prática clínica corrente, uma distinção radical deve fazer-se entre três tipos de psicoterapia (2) de tipo etnopsiquiátrico:

1) *Intracultural*: o terapeuta e o paciente pertencem à mesma cultura, mas o terapeuta tem em conta as dimensões sócio-culturais tanto das perturbações do paciente quanto do desenrolar da psicoterapia (13).

2) *Intelectual*: embora o terapeuta e o paciente não pertençam à mesma cultura, o terapeuta conhece bem a cultura da etnia do paciente e utiliza-a como alavanca terapêutica mas sempre de forma a assegurar-se da sua auto-abolição final. É isso que

demonstra que a alavanca cultural foi utilizada com sucesso.

3) *Métacultural* (1): o terapeuta e o paciente pertencem a duas culturas diferentes. O terapeuta não conhece a cultura da etnia do paciente; ele compreende, em compensação, perfeitamente, o termo «cultural» e utiliza-o no estabelecimento do diagnóstico e na condução do tratamento.

Mas a finalidade última da investigação etnopsiquiátrica deverá ser a exploração e a compreensão da sublimação: da natureza da criatividade e do ambiente sócio-cultural que o favorece.

IV. *As Ciladas* nas quais a etnopsiquiatria se arrisca a cair são inumeráveis, sobretudo se a construção de uma teoria e de um método etnopsiquiátrico, e a investigação incidindo nos factos e na sua interpretação, não têm rigorosamente em conta o princípio da complementaridade. Assim, quando se analisa a relação entre materiais e processos culturais, por um lado, e materiais e processos psíquicos por outro, a tentação de estabelecer uma relação *temporal* de causalidade, por exemplo entre certas categorias culturais e certos mecanismos de defesa individuais «correspondentes» — ou vice-versa — é por vezes quase irresistível. Quando se escreve um texto que trata deste género de problemas, devemos lê-lo e re-lê-lo atentamente, pois a menor imprevisão na formulação dos enunciados pode implicar uma violação do princípio de complementaridade, substituindo-o ao «duplo discurso» que este princípio exige, a aparência de uma relação de causa e efeito. Conclusão: este texto procura, precisamente por meio de um exame crítico do que está — ou

(1) Ex.: Transcultural. Criei este termo unicamente para designar este género de psicoterapia (2). O termo «transcultural» foi, depois, usurpado — sem, claro, dela se indicar a paternidade — para designar o conjunto da etnopsiquiatria. Incapaz de recuperar este termo técnico, substituí-o pelo termo «metacultural»:

parece estar — já adquirido, pôr em relevo a imensidade do caminho que falta percorrer antes que a etnopsiquiatria possa pretender ter o estatuto de uma ciência perfeitamente autónoma, com fronteiras precisas que a delimitam em relação às outras ciências do Homem (*).

REFERÊNCIAS

- (1) DEVEREUX, Georges, *Cours de Pathologie Sociale*, Universidade de Wioming, 1941-42 (MS).
- (2) id., *Reality and Dream: The Psychotherapy of a Plains Indian*, (1951), 2.ª ed. aumentada, New York, 1966 (trad. francesa no prelo).
- (3) id., *Mohave Etnopsychiatrie* (1961), 2.ª ed. aumentada, Washington D. C. 1969.
- (4) id., *From Anxiety to Method in the Behavioral Sciences*, Paris e La Haye, 1967 (tradução francesa no prelo).
- (5) id., *Essais d'Etnopsychiatrie Générale* (1970), 3.ª ed., Paris, 1977.
- (6) id., *Ethnopsychanalyse Complémentariste*, Paris, 1972.
- (7) id., *Tragédie et Poésie Grecques*, Paris, 1975.
- (8) id., *Dreams in Greek Tragedy*. Oxford e Berkeley, Califórnia, 1976.
- (9) id., The Cultural Implementation of Defense Mechanisms. *Ethnopsychiatria 1*: 79-116, 1978.

(*) É à aventura que oferece a exploração duma grande área ainda mal conhecida da condição humana, que a Etnopsiquiatria convida, procurando trazer uma solução para os problemas levantados, quer ao nível dos factos quer ao nível da teoria.

- (10) FREUD, Sigmund, *Un Souvenir d'Enfance de Léonard de Vinci*, Paris, 1927.
- (11) id., *Le Moïse de Michel-Ange* (in) *Essais de Psychanalyse Appliquée*, Paris, 1933.
- (12) id., LAUBSCHER, B. J. M., *Sex, Custom and Psychopathology*, Londres, 1937.
- (13) NATHAN, Tobie, *Sexualité Idéologique et Névrose*, Claix, 1977.

RESUMO

O autor define a Etnopsiquiatria como ciência pluridisciplinar que pretende abordar a relação de complementaridade entre o indivíduo, a sociedade e a cultura. As noções de base desta nova ciência são as de condição humana e de sublimação. Também a patologia individual e sociocultural é objecto desta teoria que pretende identificá-la abstraindo juízos de valor, recusando o relativismo cultural quer a atribuição dum psiquismo à sociedade.

RÉSUMÉE

L'auteur défine l'Ethnopsychiatrie en tant que science pluridisciplinaire qui approche le rapport de complémentarité entre l'individu, la société et la culture. Les notions de base de cette science nouvelle sont celles de condition humaine et de sublimation. Aussi la pathologie individuelle et socio-culturelle est-elle l'objet de cette théorie qui veut l'identifier, indépendamment de tout préjugé, tout en refusant soit le relativisme culturel soit l'attribution d'un psychisme à la société.



INSTITUTO SUPERIOR DE PSICOLOGIA APLICADA

Integrado nas comemorações dos 20 anos de actividade, o ISPA organiza um **CICLO DE FORMAÇÃO EM PSICOSSOCIOLOGIA DAS ORGANIZAÇÕES** composto das seguintes unidades:

- **METODOLOGIA DO DIAGNÓTICO E INTERVENÇÃO NAS ORGANIZAÇÕES**
Prof. MICHEL BONAMI, Universidade Católica de Lovaina — Janeiro 1982
- **ECONOMIA E ANÁLISE PSICOLÓGICA DAS CONDIÇÕES DE TRABALHO**
Prof. JOSÉ GAUSSIN, Universidade Católica de Lovaina — Janeiro 1982
- **ERGONOMIA E «HUMAN FACTORS ENGINEERING»**
Prof. JOHN W. SENDES, Universidade Toronto, Canadá e Universidade Maine, USA, Novembro 1981
- **ESTRUTURA E DINÂMICA ORGANIZACIONAL**
Prof. J. HUTTON, Tavistock Institute of Human Relation, Universidade Birmingham Fevereiro 1982
- **«JOB SATISFACTION» E MOTIVAÇÃO**
Prof. V. SHACKLETON, Universidade Birmingham, Fevereiro 1982
- **MUDANÇA ORGANIZACIONAL**
Prof. R. OTTAWAY, Universidade Manchester, Rutgers Graduate School of Management (USA), Abril 1982
- **STRESS ORGANIZACIONAL**
Prof. C. L. COOPER, Universidade Manchester, Presidente da Secção de Management Education da Academia Americana de Management, Junho 1982
- **ASPECTOS HUMANOS DA AUTOMATIZAÇÃO E RESPOSTAS A NOVAS TECNOLOGIAS**
Prof. PETER SPURGEON, Universidade Birmingham, data a determinar